



O uso de plantas medicinais no município de Quixadá-Ceará

Francisco Rogênio da Silva Mendes¹, Maria Kueirislene Amâncio Ferreira¹, João Carlos da Costa Assunção², Ana Angélica Mathias Macêdo³

¹Graduandos em Licenciatura em Química-IFCE. e-mail: Kueirislene@hotmail.com

²Doutor Professor IFCE Campus Quixadá. e-mail: joaocarlos@yahoo.com.br

³Doutora Professora IFCE Campus Quixadá. e-mail: anaangellica@yahoo.com.br

Resumo: O uso das plantas medicinais como opção de tratamento completa o quadro atual de automedicação indiscriminada em todas as classes sociais, o que pode ser perigoso se não houver a garantia de que as propriedades farmacológicas sejam realmente obtidas, sem efeitos colaterais perigosos para saúde. O objetivo desta pesquisa foi investigar o uso de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Quixadá para o tratamento das enfermidades. Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa, tendo como amostra 303 participantes com faixa etária entre 15 e 85 anos de idade. Foi aplicado um questionário com 20 perguntas, onde algumas foram tabuladas e expressas em forma de gráficos. Os resultados mostraram que 66% dos participantes acreditam na atividade terapêutica das plantas medicinais, o que explicita a confiança da população com relação aos seus efeitos. 31% dos participantes nunca ouviram falar no termo fitoterapia, 23% sempre ouviram falar e 28% raramente ouviram falar. Percebe-se que os medicamentos fitoterápicos, de certa forma, não são consumidos com maior abrangência por falta de esclarecimento da população. 42% utilizam plantas medicinais, isso significa que a população ainda não excluiu a medicina popular para cura das doenças. 83% dos participantes citaram o chá como forma de utilização das plantas medicinais, sendo que 7% utilizam-nas na forma de infusão. Quanto a parte utilizada, 56% dos participantes opinaram pelo uso das folhas nas preparações. Cerca de 77% dos participantes sempre tiveram consciência do risco da automedicação, porém 79% não consultam médicos antes de utilizarem plantas medicinais. Faz-se necessário esclarecer a população sobre o uso racional de plantas medicinais, tais como manipulação, coleta e uso terapêutico. Sugere-se, portanto, estudos futuros a fim de comprovar a ação terapêutica das plantas mencionadas pela população durante a aplicação dos questionários.

Palavras-chave: plantas medicinais, fitoterapia, automedicação

1. INTRODUÇÃO

As plantas medicinais por séculos tem representado o principal recurso terapêutico para o homem. Desde o início do século XIX, com os avanços da química farmacêutica, as plantas edicinais assumiram o posto de fonte primária de substâncias ativas para obtenção de medicamentos. Atualmente, estima-se que 25% dos medicamentos utilizados nos países desenvolvidos são oriundos de plantas medicinais, 50% sintéticos e 25% de produtos naturais minerais, microbianos, dentre outros (CARVALHO, 2001; HOSTETTMANN *et al.*, 2003).

O Brasil é o país com maior biodiversidade do mundo, contando com um número estimado de mais de 20% do número total de espécies do planeta. Entre os elementos que constituem a biodiversidade estão às plantas medicinais, que são utilizadas em comunidades tradicionais como: remédios caseiros e matéria-prima para fitoterápicos e outros medicamentos (LEÃO; FERREIRA; JARDIM, 2007). De acordo com Lopes *et al.* (2005), planta medicinal é toda planta que administrada ao homem ou animal, por qualquer via ou forma e exerça alguma ação terapêutica; geralmente são utilizadas em formulações, que devem ser administradas com critério e sob orientação.

Devido sua biodiversidade, o país possui uma “farmacopéia popular” muito diversa, devido ao vasto número de plantas medicinais, resultante de uma miscigenação cultural, composta por africanos, europeus, indígenas e colonizadores. Logo o conhecimento sobre plantas medicinais é o recurso



terapêutico de muitas comunidades e grupos étnicos. Atualmente, em regiões mais pobres do país, e até mesmo nas grandes cidades brasileiras, as plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais.

Segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde (OMS) 80% da população mundial usa recursos medicinais populares para suprir necessidades de assistência médica (COSTA *et al.*, 1998; YUNES *et al.*, 2001); todavia, somente 30% foram através de indicação médica. Há no Brasil, um investimento para ampliar as pesquisas fitoterápicas, e seu estudo em situações de diagnósticos, devido à maioria das populações no mundo usarem produtos provenientes de plantas medicinais sem consulta médica. Isto acontece por serem vendidos como produtos naturais e nem sempre como medicamento, o que facilita a automedicação (REBOUÇAS, 2012).

Há automedicação indiscriminada de plantas medicinais em todas as classes sociais, muitas vezes sem o conhecimento da toxicidade dos extratos vegetais, o que pode ser perigoso se não houver garantia de que as propriedades farmacológicas esperadas sejam realmente obtidas, sem efeitos colaterais (ou adversos) perigosos para saúde.

No Brasil, o Ministério da Saúde determina prioridade na investigação das plantas medicinais e implantação da fitoterapia como prática oficial da medicina, orientando as Comissões Interinstitucionais de Saúde (CIS) a buscarem sua inclusão no Sistema Único de Saúde (SUS). Para que essa inclusão ocorra é essencial que profissionais da saúde conheçam as atividades farmacológicas e a toxicidade das plantas medicinais de cada bioma brasileiro, conforme costumes, tradições e condição socioeconômica da população (SILVA *et al.*, 2006).

Segundo a ANVISA (2004), fitoterápico é todo medicamento obtido, exclusivamente, com matérias-primas ativas vegetais, caracterizado pelo conhecimento da eficácia e dos riscos de seu uso, bem como pela reprodutibilidade e constância de sua qualidade. Dunford (2001) define fitoterapia como o estudo e a aplicação dos efeitos terapêuticos de drogas vegetais e seus derivados.

O principal objetivo deste trabalho foi investigar o uso de plantas medicinais no município de Quixadá.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A amostra de estudo foi composta por 303 participantes, com faixa etária entre 15 e 85 anos de idade. A pesquisa foi realizada em diferentes bairros do município de Quixadá. Foi elaborado um questionário com perguntas relacionadas ao consumo de plantas medicinais, com ou sem prescrição médica, bem como obter informações sobre o grau de conhecimento dos participantes a respeito dos riscos e benefícios desta prática. O banco de dados foi elaborado para análise estatístico-descritiva, considerando números absolutos e relativos para justificar maior incidência nas respostas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os resultados expressos no gráfico, abaixo (Figura 1), 66% dos participantes acreditam na ação terapêutica das plantas medicinais com relação aos remédios sintéticos, 11% raramente acreditam, já 21% frequentemente e somente 2% não acreditam. Certamente, este resultado também está relacionado com a faixa etária dos participantes, sendo que 55% dos mesmos possuem idades que variam entre 35 e 85 anos, visto que as pessoas mais idosas carregam consigo maior conhecimento sobre as propriedades curativas das plantas medicinais. Ressalta-se ainda os elevados preços dos medicamentos sintéticos, que nem sempre condiz com as condições financeiras da população menos favorecida, implicando assim na busca alternativa por produtos naturais.

Resultados semelhantes foram obtidos em estudos realizados por Rodrigues e Carvalho (2001) em levantamento etnobotânico na região do Alto Rio Grande (MG), onde relatam que o uso de plantas ocorre em função do preço elevado dos medicamentos sintéticos e cura mais rápida das enfermidades.

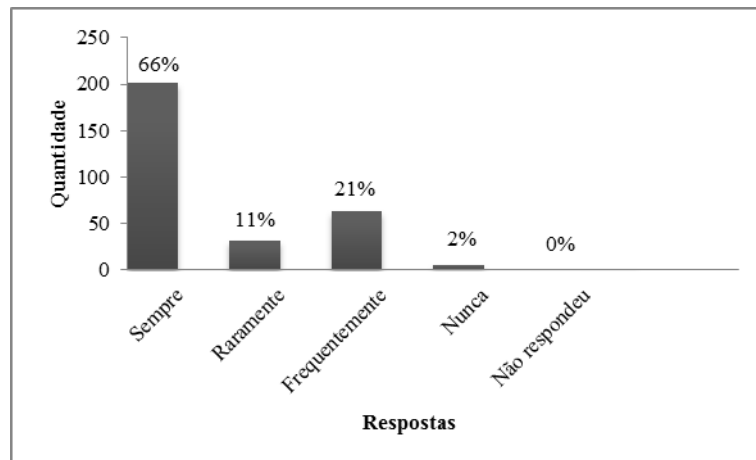


Figura 1: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Você acredita que as plantas medicinais são mais saudáveis que remédios?

Uma forma de aliar o valor terapêutico da planta com medicamentos é a prática do uso de fitoterápicos. Sabendo disto, questionou-se aos participantes se os mesmos ouviram falar sobre fitoterapia. De acordo com os dados da figura 2, 31% dos participantes nunca ouviram falar, 23% sempre ouviram falar e 28% raramente ouviram falar. Percebe-se que os medicamentos fitoterápicos, de certa forma, não são consumidos com maior abrangência por falta de esclarecimento da população.

O conhecimento sobre fitoterapia dos 23% dos entrevistados pode ser associado aos esclarecimentos sobre as implicações do uso abusivo de fármacos, contidos nos medicamentos sintéticos, quando comparados com as de plantas medicinais, supostamente menos agressivas, porém igualmente eficientes, é o que determina o estudo realizado na Cidade de Vitória (Espírito Santo), através de uma pesquisa com os médicos a respeito da satisfação com o uso de fitoterápicos, em que 70% consideraram bons os resultados obtidos com fitoterápicos; 54% disseram está satisfeitos com a fitoterapia e 93% consideraram boa a aceitação dos usuários. (VITÓRIA, 2008).

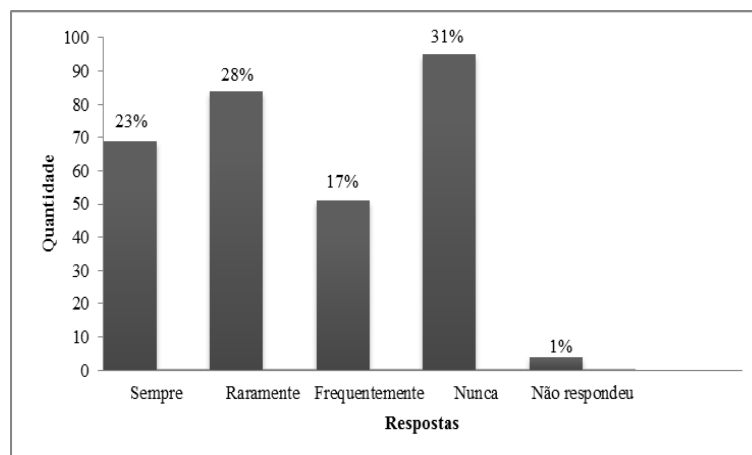


Figura 2: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Você já ouviu falar em Fitoterapia?

Conforme os dados expressos no gráfico abaixo (figura 3), 42% fizeram ou fazem uso de plantas medicinais, 30% raramente usam-nas já 24% utilizam-nas e apenas 45% nunca fizeram uso. Isso significa que a população ainda não excluiu a medicina popular para cura das doenças, pois o elevado percentual traduz um grande conhecimento e proximidade dessa população com as plantas. Resultados semelhantes, com alta porcentagem na utilização de plantas medicinais foram encontrados no município Céu Azul, no Paraná (MACHADO, 2003) e também por Veiga Jr (2008), com uma

amostra de populares da área urbana de Nova Friburgo, onde acima de 90% dos entrevistados fazia uso regularmente de plantas medicinais para curar doenças.

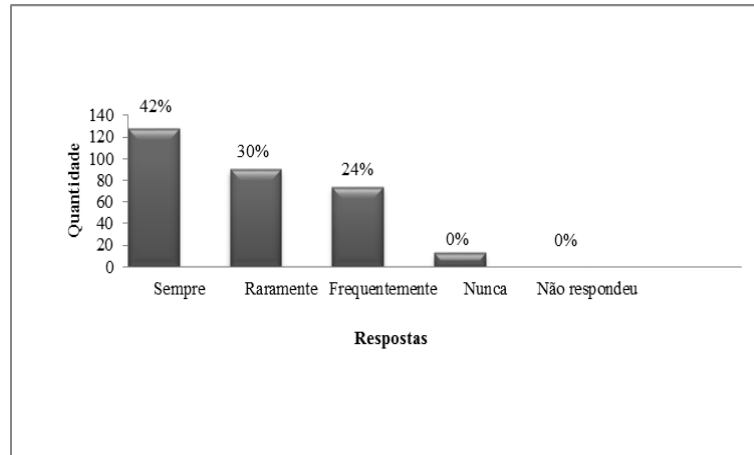


Figura 3: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: fez ou faz uso de plantas medicinais?

O saber local sobre o tratamento de diferentes males que afetam o ser humano é, geralmente, evidenciado em conversas com as pessoas mais idosas que, por um motivo ou outro, carregam consigo preciosas informações recebidas dos antecedentes, porém a população deve se certificar da forma correta de utilizar as plantas medicinais.

Segundo Eldin e Dunford (2001), a forma de utilização das plantas é importante não somente para a garantir a presença do princípio ativo, mas também para a certificação da baixa toxicidade. Observando a figura 4, percebe-se que 83% dos participantes citaram o chá como forma de utilização das plantas medicinais, 7% utilizam-nas na forma de infusão, 4% através de maceração, 3% por decoção e apenas 2% optaram por lambedor. Segundo Marodin e Baptista (2001), os chás consistem na forma de utilização mais apreciada pela população, porque além do valor medicinal específico, contribuem para outros fins, como hidratação, eliminação de toxinas, controle da temperatura corporal e auxílio na digestão de alimentos.

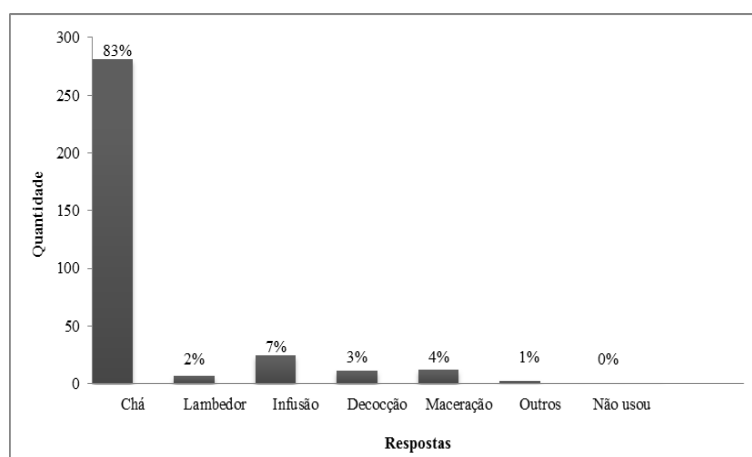


Figura 4: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Qual a forma de utilização das plantas medicinais?

Segundo o gráfico abaixo (figura 5), 56% dos participantes afirmaram utilizar as folhas de plantas medicinais, 16% responderam fazer uso das raízes e cascas sendo que, somente 9% deram utilizam as sementes e apenas 3% citaram os frutos. Estudos realizados por Costa-Neto e Oliveira

(2000), mostraram resultados semelhantes ocorridos em Tanquinho (BA), onde dentre as 97 espécies citadas, cerca de 42% citaram a folha como parte indicada. Para Gonçalves e Martins (1998) e Castellucci e colaboradores (2000), a explicação mais plausível para o maior uso das folhas na preparação de remédios deve-se ao fato de sua maior disponibilidade durante todo o ano, sendo que são nas folhas que se concentram maior parte dos princípios ativos. Segundo Martin (1995), o uso acentuado de folhas apresenta um caráter de conservação do recurso vegetal, pois não impede o desenvolvimento e a reprodução da planta, se a retirada da parte aérea não for excessiva.

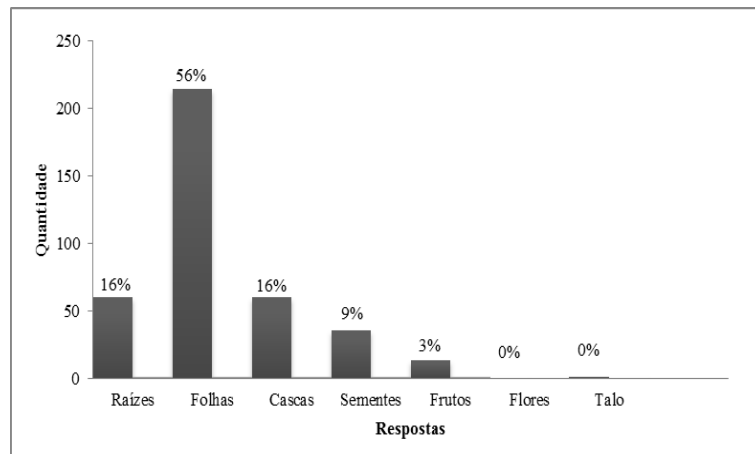


Figura 5: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Qual a parte da planta que você utiliza ou utilizou?

Com base nos percentuais observados no gráfico a seguir (figura 6), 77% dos participantes sempre tiveram consciência do risco da automedicação, 5% raramente tiveram, 10% frequentemente e apenas 7% nunca tiveram consciência. Isto implica em um resultado aceitável, pois quando se faz uso de plantas medicinais, obtidos de fonte não segura, são grandes os riscos de intoxicações.

Assim como acontece em todas as formas de automedicação, o uso de plantas medicinais também representa um risco em potencial para saúde humana. A segurança dos fitoterápicos é, especialmente importante, pois na maioria das vezes produtos não são descritos por um profissional da saúde (KELLER, 1994).

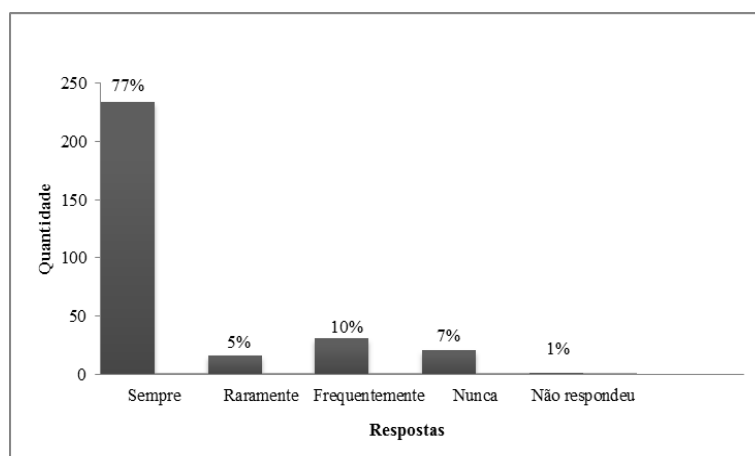


Figura 6: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Tem consciência dos riscos da automedicação?

A automedicação representa riscos para população. Com base nisto, foi indagado quanto à prescrição médica para o uso de fitoterápicos. Os resultados obtidos estão descritos no gráfico a seguir (figura 7).

Então 79% não consultam médicos antes de utilizarem plantas medicinais. A pesquisa mostrou um dado alarmante, pois a utilização de plantas medicinais deve ser administrada com critérios e sob orientação médica. O cuidado na administração justifica-se pelo fato de muitas vezes os efeitos farmacológicos similares serem obtidos, potencializando suas ações e aumentando o risco de superdosagem.

Estudos em andamento no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, mostram que 100% dos médicos das Unidades Básicas de Saúde (UBS) conhecem medicamentos fitoterápicos e 84% já indicaram a seus pacientes algum fitoterápico (REMPEL *et al.*, 2010).

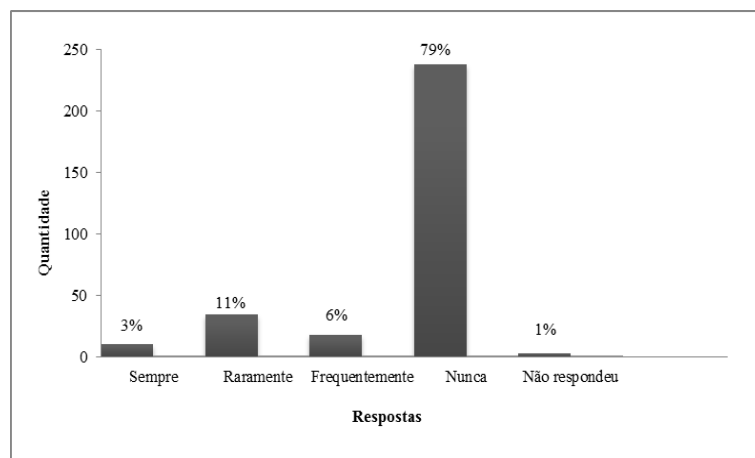


Figura 7: Percentual dos participantes que responderam a pergunta: Houve prescrição médica?

6. CONCLUSÕES

A população deve ser mais informada quanto às formas de preparo das plantas medicinais, pois as mesmas são indicadas para atender uma gama de enfermidades. O que faz o homem utilizar as plantas como alternativa terapêutica é a manifestação de informações valiosas, como recurso cultural. Tais fatores fazem crer que cada sociedade, possui seu próprio sistema de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos seus próprios males.

Vale ressaltar a importância do conhecimento da população quanto as formas de utilização das plantas medicinais, como alternativas para o tratamento de enfermidades, visto que o uso excessivo de preparações à base de plantas representam também riscos à saúde, dessa forma é indispensável a orientação médica.

Portanto, faz-se necessário esclarecer a população sobre alguns pontos essenciais para o uso racional de plantas medicinais tais como: manipulação, coleta e uso terapêutico. Isso deverá ser feito com o propósito de correlacionar os saberes popular e científico para que o profissional de saúde indique a terapêutica correta a ser usada. Sugere-se, portanto estudos futuros a fim de comprovar a ação terapêutica das plantas mencionadas pela população.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão das bolsas de iniciação a docência, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Cearense de Apoio a Pesquisa (Funcap) pelo apoio financeiro.



REFERÊNCIAS

- ANVISA (2004) **Resolução-RDC nº 48**, de 16 de março de 2004: dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos. Disponível em: <http://e-legis.anvisa.gov.br/leisref/> public acessado em: 3 de junho de 2012.
- BENINI, E. B.; SARTORI, M. A. B.; BUSCH, G. C.; REMPEL, C.; SCHULTZS, G.; STROHSCHOEN, A. A. G. Valorização da flora nativa quanto ao potencial fitoterápico. **Revista Destaques Acadêmicos - CCBS/UNIVATES**. Ano 2, n. 3, 2010.
- CARVALHO, J. E. Fitoterápicos: alimentos ou medicamentos? In: **Ciência de Alimentos** – avanços e perspectivas. Campinas. SP, 2001.
- CASTELLUCCI, S.; LIMA, M. I. S.; NIVALDO, N.; MARQUES, G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antonio - SP; uma abordagem etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.3, n.1, p.51-60, 2000.
- COSTA, A. F. E.; FROTA, J. G.; LIMA, M. C.; MORAES, M. O. Plantas medicinais utilizadas por pacientes atendidos nos ambulatórios do Hospital Universitário Walter Cantidio da Universidade Federal do Ceará. **Pesquisa Médica**, Fortaleza. v. 1, n. 2, p. 20-25, 1998.
- COSTA-NETO, E. M.; OLIVEIRA, M. V. M. The use of medicinal plants in the coutry of Tanquinho, state of Bahia, North-eastern Brazil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.2, n.2, p.1-8, 2000.
- ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária à saúde**, Barueri: Editora Manole, 2001.
- GONÇALVES, M. I. A.; MARTINS, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 79, n. 3/4, p. 56-61, 1998.
- HOSTETTMANN, K.; QUEIROZ, E. F. ; VIEIRA, P. C. **Princípios Ativos de Plantas Superiores**. São Carlos-SP: Ed. UFSCar, 2003.
- KELLER K. Phytoterapy on the European level. **European Phytotelegram**, v. 6, p. 40-9, 1994.
- LEÃO, R. B. A.; FERREIRA, M. R. C.; JARDIM, M. A. G. Levantamento de plantas de uso terapêutico no município de Santa Bárbara do Pará, Estado do Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 88, n. 1, p. 21-25, 2007.
- MARTIN, G. J. **Ethnobotany - A People and Plants Conservation Manual**. London, Chapman & Hall.p.268, 1995.
- MARODIN, S. M.; BAPTISTA, L. R. M. O uso de plantas com fins medicinais no município de Dom Pedro de Alcântara, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 4, n.1, p. 57-68, 2001.
- MACHADO, E. **Levantamento Etnobotânico sobre a Utilização de Plantas Mediciniais pela população de Céu Azul** – PR. Cascavel. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – UNIPAR, 2003.



RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande, Minas Gerais. **Ciência Agrotecnologia**, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.

REBOUÇAS, F. **Plantas Medicinais Brasileiras**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/medicina/plantas-medicinais-brasileiras/>> Acesso em: 02 jul. 2012.

SILVA, M. I. G.; GONDIM, A. P. S.; NUNES, I. F. S.; SOUSA, F. C. F. Utilização de fitoterápicos nas unidades básicas de atenção à saúde da família no município de Maracanaú (CE). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16, p. 455-462, 2006.

VITÓRIA: fitoterapia nas Unidades Básicas de Saúde. **Revista Brasileira Saúde da Família**. Maio 2008, p. 50-53. 2008 (Editorial).

VEIGA Jr, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v.18, n. 2, p.308-313, Abr./Jun. 2008.